

Notas de leitura

José Luis de la BARRERA ANTÓN
Los capiteles romanos de Mérida

Badajoz, Museo Nacional de Arte Romano, 1984, 110 p., 58 est.
(Monografias Emeritenses, 2)

Este trabalho constitui o segundo o volume da série "Monografias Emeritenses", de que o primeiro, sobre a ponte romana de Mérida, foi já objecto de uma nota de leitura nas páginas desta revista (cf. *OAP*, IV sér., 3, 1985, p. 211-212).

O A. faz (p. 27-65) o catálogo de 109 capitéis encontrados em Mérida, tanto em escavações como em achados casuais avulsos, 58 dos quais se publicam agora pela primeira vez; as fichas tipo do catálogo contêm, além do número de ordem, a indicação dos lugares de procedência e conservação do material, das dimensões, do estado de conservação e da bibliografia da peça, a que se segue uma descrição formal e, ainda, uma avaliação cronológica.

A grande variedade de formas, que os capitéis de Mérida apresentam, levou o A. a organizar o material em 5 grupos: capitéis coríntios normais, capitéis corintizantes, capitéis coríntios de folhas lisas, capitéis jónicos e capitéis compostos; e é por esta ordem que o catálogo é apresentado.

Segue-se um estudo tipológico estilístico e evolutivo, deste material (p. 67-100).

Um dos problemas, que o A. confessa ter tido, foi o de não poder localizar com precisão a original implantação dos achados, já que grande parte deles correspondem a descobertas antigas de material reutilizado; apesar disto um simples mapa da cidade com a localização dos achados seria útil para o leitor não muito familiarizado com a topografia actual da antiga capital da Lusitânia.

A distribuição percentual dos achados por épocas cronológicas (p. 19) mostra-nos, como já era de supor, um intenso surto de construção entre os reinados de Domiciano e de Adriano, a contrastar com uma espectacular queda de actividade no sector durante o século III, e que se acentuará ainda mais no século IV.

Como já foi notado para *Tarraco* e *Barcino*, também aqui se verifica a tendência para um desajuste de aproximadamente cinquenta anos, em relação aos usos técnico-decorativos dos capitéis de Roma, desajuste que o A. localiza

nas fortes influências sudgálicas, que cristalizaram o capital coríntio itálica, e que na Península estão representadas em capitéis de Barcelona e Itálica, resistindo lentamente à posterior difusão do capitel “coríntio normal”, que conheceu em Roma uma notável popularidade desde finais da República.

Estes desajustes, na decoração arquitectónica romana, parecem-nos obviamente naturais em qualquer situação excêntrica provincial do ocidente do Império.

Maria Manuela Alves Dias

Gilles GAUCHER; Alain SCHNAPP, dirs.

Archéologie, pouvoirs et société

Paris, C.N.R.S., 1984, 68 p., il.

Este pequeno livro reúne os principais textos apresentados numa mesa redonda, dirigida por Gilles Gaucher e Alain Schnapp e realizada no âmbito do colóquio internacional do CNRS, em Novembro de 1981, com o tema “La partique de l’Anthropologie aujourd’hui” os quais parecem verdadeiramente relevantes para o conhecimento sociológico das actividades arqueológicas, e dos arqueólogos nas suas diversas relações (e seus níveis) com os poderes, político, administrativo central, regional, local, e, ainda, com as formações associativas de base.

O primeiro texto, “Archéologie et identité nationale au Mexique”, p. 9-12, de Pierre Becquelin, do CNRS, aborda historicamente o problema dramático duma arqueologia, ainda hoje, encarada como instrumento ideológico do nacionalismo doutrinado pelo Estado. A questão nacionalista mexicana parece ter instrumentalizado politicamente as representações dos *realia* pré-colombianos desde finais do século XVII, numa primeira fase, dita, “l’opposition créole au gouvernement espagnol” a que se seguiu, no fim do século XVIII, uma outra fase, em que a resistência colonial assume formas culturais de assimilação do passado pré-colonial, ideologicamente chamada de “néo-aztequismo”; escreve o A., p. 9: “L’épisode de plus célèbre prit la forme d’un affrontement public avec les autorités coloniales en la Basilique de Guadalupe: dans son sermon de 1794 Servando Teresa de Mier exalte la Vierge de Guadalupe, à laquelle on aurait rendu un culte avant da conquête sur le Tepeyac, ce qu’il lie à la présence de saint Thomas — Quetzalcoatl. En même temps il condamne dans ses écrits la destruction des antiquités”, — segundo J. Lafaye, a fórmula proposta era: “l’intégration du passé mexicain à la patrie créole”, e, casualmente mas com oportunidade, em 1790, são descobertos uma estátua da deusa Coatlicue e um grande disco insculturado, a Pedra do Sol. Desencadeia-se, assim, uma “aliança” entre a exaltação das antiguidades pré-coloniais e o nacionalismo mexicano. A própria Espanha interessa-se e, de Madrid, Carlos III, por prevenção política ou por alarde e

prova das suas preocupações iluministas, ordenou uma expedição “arqueológica” às ruínas maias de Palenque. Depois da Independência, as lutas entre liberais e conservadores comportaram, no discurso político, uma renovada insistência nos apelos constantes à cultura pré-colonial; os liberais foram mesmo tidos por “indianistas” na continuidade da evocação dos valores, e interesses, creoulos; sobre este período, o A., p. 10, recorda as palavras, de 1974, do poeta Octavio Paz: “l'exaltation du passé indien révolu coexistait avec la haine et la crainte de l'Indien vivant” e, ainda, a declaração do libertador Santa Ana de que as ruínas de Palenque só eram comparáveis às do Egipto dos faraós. Pouco depois, será o imperador Maximiliano que fundará o Museo Nacional e abrirá à tutela francesa a arqueologia mexicana, tutela que acaba por ser acolhida com indiferença pelos próprios mexicanos que, naturalmente, a associaram, de imediato, à intervenção militar da França. Durante a prolongada governação do presidente Porfirio Díaz, “les membres de l'élite dirigeante, se réclamant du positivisme européen, furent surnommés les “Científicos”. Mais soucieux avant tout d'intérêts économiques ils accordèrent peu d'importance au passé mexicain”, p. 10; contudo é então que, por ocasião do IV Centenário da descoberta da América, se realiza em Madrid a primeira grande exposição das antiguidades Mexicanas, e que se publicam os manuscritos pictográficos do período da conquista, e principiam as escavações metódicas em Teotihuacan, Mitla e Xochicalco. Em 1887, Chavero publica a *Historia Antigua Y de la Conquista*: “Cet ouvrage témoigne du combat des érudits mexicains contre les théories de Morgan et Bandelier qui mettaient l'accent sur la “barbarie” des civilisations mexicaines (Moctezuma étant supposé être l'équivalent d'un simple chef iroquois)” A estabilização do nacionalismo mexicano corresponderá a um período de intensa actividade arqueológica e à maioridade técnica (com rigorosas escavações estratigráficas já em 1912) da arqueologia mexicana de que Manuel Gamio, *La población del Valle de Teotihuacan* (1922) é expressão. Escreve o A.: “C'est la Révolution de 1910 qui introduit définitivement l'exaltation des civilisations préhispaniques dans les thèmes officiels de l'identité nationale, qui doit intégrer les apports indiens et espagnols”. A influência norte-americana vai fazer-se sentir a partir de então, concorrendo fortemente com a influência francesa, na formação das elites intelectuais mexicanas: o próprio Manuel Gamio é um diplomado pela Columbia University. Em 1939, durante a presidência “musculada” de Lázaro Cárdenas, é fundado o INAH, Instituto Nacional de Antropologia e História, que passará a ter o monopólio de toda a actividade arqueológica, com poderes descricionários de expropriação de terrenos de interesse arqueológico, mas cujos objectivos foram, sob a capa da urgência da conservação e restauro dos monumentos, criar uma autêntica cenografia patrimonial com a qual apenas o turismo (e mesmo assim muito pouco) veio a lucrar, abandonando a norte-americanos e a franceses (a notável equipa de Jacques Soustelle) a investigação científica. Só a partir da década de 70 com o projecto Tula, de Eduardo Matos principia uma nova fase, mais independente, crítica e científica, da arqueologia mexicana. “The nationalist-archaeological spirit in Mexico” (I. Bernal, 1980) causou malefí-

cios irreparáveis ao conhecimento histórico do México pré-colonial que nem grandiosas exposições internacionais nem excelentes museus hiperclimatizados alguma vez poderão reparar.

Seguem-se dois textos curtos, "Réflexions sur la recherche archéologique au Ministère de la Culture" e "Archéologie et Histoire: appropriation collective d'un patrimoine" de Henri Delporte e Alain Duval, respectivamente, ambos do Museu de Saint-Germain-en-Laye. O primeiro fala dos problemas administrativos internos do mais alto nível de decisão da orgânica estatal francesa, questionando as comissões (e sua representatividade) quanto à sua duplicação de autoridade e à sua capacidade de concertação. O segundo centra a sua preocupação no facto de os programas franceses se abstraírem da proto-história nacional (do Neolítico passa-se à Antiguidade Oriental e Clássica, reaparecendo o território da França episodicamente no século I a.C., quando Júlio César o invade) o que faz da generalidade dos visitantes dos Museus, mesmo dos mais jovens, observadores do "curioso" e não do inteligível quando diante dos riquíssimos testemunhos da proto-história (Idades do Bronze e do Ferro) francesa; faz de seguida uma comparação breve entre o apoio e inserção social entre os museus húngaros e os franceses, referindo um trabalho pioneiro levado a cabo em Levroux.

"La fouille et le public au Centre Archéologique de Pincevent" de Gilles Gaucher, do CNRS e do Collège de France, dá-nos o perfil sociológico dos visitantes das escavações de Pincevent, obtido sobretudo através de um inquérito feito em 1981. O visitante de Pincevent é parisiense e visitou a escavação numa excursão. Numa área de dois quilómetros ao redor das escavações, 17 anos depois do seu início, à questão "Quelle est l'époque étudiée à Pincevent?" de 131 inquiridos apenas 9 responderam certo, enquanto 91 não sabiam de todo. Para G. Gaucher esta situação sucede porque "L'équipe fouillant à Pincevent est le type même du groupe parisien "parachuté" sur un site et qui ne s'est pas implanté dans la région où il travaille", p. 19; assim compreendem-se os múltiplos conflitos e incompreensões entre o Centro Arqueológico e os poderes locais. Quanto ao número de visitantes o A. Considera-o simultaneamente excessivo e insuficiente: excessivo porque as visitas intensivas, sobretudo as excursões escolares, desviam para a visita guiada os arqueólogos que têm um tempo limitado de escavação por ano; insuficiente porque a visita à escavação só é possível durante os dois meses, por ano, exactamente quando decorrem os trabalhos.

Segue-se "L'archéologie et son pouvoir" de Pierre Gouletquer, da Universidade de Rennes. O A. aborda alguns dos problemas mais sensíveis da arqueologia de campo, centrados nas relações sociais de poder que a sua actividade despoleta; reconhece um facto que, quase sempre se ignora ou minimiza, diz: "Ce n'est pas seulement aux instances politiques, administratives, financières ou aux classes cultivées que le chercheur doit rendre des comptes. C'est aussi — et peut-être avant tout — aux niveaux plus modestes des sociétés, là où il ira justement chercher son information de base, et où se trouvent les détenteurs naturels du patrimoine archéologique", o não cumprimento deste prestar contas é muitas vezes agravado quando "l'archéo-

logue professionnel prétend avoir découvert quelque chose, il fait la plupart du temps abstraction de son information initiale”, abrindo um conflito, com os prospectores e os eruditos locais, que frequentemente se propaga em prejuízo das actividades arqueológicas nessa região: isto para não falar já das múltiplas interrogações sobre a utilidade da arqueologia que acabam por se pôr aos poderes locais. O A. ensaia depois, num cenário imaginário, suportado por factos concretos, todo o tipo de *nuances* que comporta um conflito destes para tentar encontrar o que há de comum entre os seus intérpretes, recordando que “l’archéologie professionnelle est une science bourgeoise: nous sommes les héritiers de quelques “érudits éclairés et fortunés” qui ont bâti notre discipline à partir de leurs motivations propres, selon des modèles fortement marqués à la fois par leur culture et leur époque” e que “on admettra qu’il y a en quelque sorte un pouvoir posthume de nos illustres prédécesseurs, d’ailleurs parfaitement hiérarchisé: les grandes rubriques de la connaissance du passé utilisées de nos jours ont été définies au début de ce siècle, et dans beaucoup de domaines, la recherche moderne n’a fait que garnir des casiers déjà dessinés, ou rectifier des ébauches trop imprécises”, concluindo pela grande proximidade que existe entre o pensamento, e os valores, dos fundadores da arqueologia, como ciência, e os actuais eruditos locais.

Myriame Morel-Deledalle em “Archéologie urbaine et archéologie municipale: l’exemple de Marseille”, p. 31-34, historia as actividades arqueológicas, responsabilidades e conflitos, na cidade da Marselha de 1831 e a 1980.

Jacques-Pierre Millotte, da Universidade de Besançon, em “Autopsie d’une circonscription archéologique; 25 ans de recherches, administration et animation en Franche-Comté”, p. 35-37, analisa os problemas administrativos da direcção de uma região arqueológica: os de ordem financeira, logística, de cooperação e de responsabilidade científica nas acções de emergência, acusando a progressiva burocratização que sobre, no seu crescimento, uma circunscrição arqueológica, no modelo francês de administração pública, que contrapõe a uma actividade científica eficaz, devida sobretudo ao entendimento que se estabeleceu entre a circunscrição, a Universidade e o CNRS; reconhece que as tentativas de animação foram modestas, sobretudo os resultados de cartazes e painéis destinados a convidar as populações à visita das estações arqueológicas. Confia numa maior descentralização porque: “la décentralization aiderait la province à affirmer sa spécificité sans négliger le contrôle central qui dans le passé, ne sut toujours répartir avec sagacité les crédits, privilégiant certaines zones, plus en fonction des personnes qu’en tenant compte des réelles besoins et d’une prospective raisonnable et sérieuse”.

Michel Orliac, do Laboratoire d’ethnologie préhistorique du Collège de France, subscreve um curto texto “Archéologie et identité culturelle à Tahiti”, evocando a sua experiência de arqueólogo de campo com os Taitianos, onde coloca o problema do corte cultural de comunicação que uma intervenção estrangeira, feita no passado de uma comunidade que ainda reconhece os vestígios arqueológicos como um valor próprio, origina.

Segue-se de Patrick Plumet, da Universidade do Québec, “Les ‘biens

archéologiques' ces faux témoins politiques. Archéologie, nationalisme et ethnicisme", p. 41-47, onde se analisam as diversas funções que a arqueologia pode ter como elemento activo da afirmação nacional, ou étnica, bem como os problemas que o património arqueológico põe na sua bivalência de património nacional e património científico, e o papel do arqueólogo, e o das grandes organizações internacionais, como a UNESCO, nesta questão.

Alain Schnapp apresenta um curto texto sobre "Les traditions pédagogiques dans l'archéologie européenne" que o conduz às palavras de alerta: "il ne faudrait pas oublier qu'une archéologie meilleur réclame un minimum de démocratie culturelle".

Encerram o volume: "Politiques des collectivités locales en archéologie" de Philippe Soulier, que analisa os meios materiais e humanos disponíveis em cada circunscrição arqueológica francesa e o seu funcionamento a nível administrativo e de intervenção, apresentando ainda mapas e valores comparados; e as "Conclusions" por G. Gaucher e A. Schnapp que resumem os principais problemas e as principais propostas de solução apresentadas pelos intervenientes desta mesa redonda.

Luis Coelho

Genaro CHIC GARCÍA

**Epigrafía anfórica de la Bética. I. Las marcas
impresas en el barro sobre ánforas olearias
(Dressel 19, 20 e 23)**

Sevilla, Departamento de Historia Antigua de la Universidad
de Sevilla, 1985, 182 p., 50 est., 14 mapas e desenhos

Este livro, é, como o próprio autor o diz, essencialmente um catálogo de marcas recolhidas ao longo das margens do Guadalquivir e do Genil, para o que contou com o trabalho de Miguel Ponsich (*L'implantation rurale antique sur le Bas-Guadalquivir*, I, *Séville — Alcalá del Rio — Lora del Rio — Carmona*, Madrid, 1974) e com a sua própria pesquisa de campo que se estendeu por vários anos.

A necessidade de ordenar e identificar os principais centros de produção de ânforas destinadas ao comércio do azeite da Bética levou o autor a orientar os seus trabalhos de campo percorrendo as margens dos dois rios das terras altas para a foz, e procurando, ao mesmo tempo, determinar, em cada sítio de achado, as *villae* associáveis, os grupos de marcas relacionáveis entre si, e a ordenação cronológica, tanto quanto fosse possível, das referidas marcas, dentro de cada "família de marcas", e entre as diferentes famílias; investigou também, como vem sendo costume nos trabalhos de epigrafia anforária, os nomes dos indivíduos, já conhecidos através das inscrições lapidares, e que eram passíveis de serem identificados quer com transportadores quer com produtores de azeite ou, mesmo, com oleiros.

A ordenação do material apresentado obedeceu ao critério dos postos de controlo conhecidos, e que aparecem nas inscrições cursivas pintadas, os *tituli picti*, do material anforário do Monte Testácio: *Corduba*, *Astigi*, *Hispalis*, *Lacca*, *Portus* e *Malacca*. Além da concentração dos achados em território bético, há também que contar com a dispersão das marcas na Britânia, Gália e Germânia que o A. nos dá através de mapas ilustrativos dessa mesma dispersão, sem no entanto ter procedido a estudos quantitativos comparados da distribuição, e que, eventualmente, indicariam as rotas principais e a importância relativa dos centros subdifusores internos que se constituíram naquelas províncias (o que nos aproximaria de um enquadramento histórico-local, e regional, da história do comércio do azeite bético, uma das poucas produções agrícolas transformadas da Hispânia, que participou do comércio a longa distância no Império Romano), o que, aliás não terá sido, pelo menos neste livro, intenção manifesta do A. Também, em relação a alguns centros de produção de azeite, como o Cortijo de Rojas e La Corregidora, G. Chic dá-nos algumas novidades, em matéria de estruturas arqueológicas, de apreciável interesse.

O principal proveito deste livro está não só na recolha das marcas já publicadas e das que o A. recolheu, confirmando-as no terreno, mas sobretudo no facultar, ao arqueólogo de campo, um instrumento de trabalho, que lhe permitirá rapidamente, e com razoável segurança, identificar mais uma marca que lhe apareça na prospecção ou em escavações, contribuindo para lhe facilitar o trabalho, os dois índices que o livro traz: um de simples transcrição directa das marcas, e outro com o desenvolvimento dos nomes que, de uma maneira abreviada, nelas aparecem.

Maria Manuela Alves Dias

Fanette LAUBENHEIMER

La production des amphores en Gaule Narbonnaise

Paris, Centre de Recherche d'Histoire Ancienne de l'Université de Besançon, 1985, 466 p., il.

F. Laubenheimer dera-nos em 1973 o trabalho, *Recherches sur les lingots de cuivre et de plomb d'époque romaine dans les régions de Languedoc-Roussillon et de Provence-Corse*, que se tornou logo numa obra de referência quase obrigatória para quantos se dedicam ao estudo destes materiais, e também para os que, no domínio da História Antiga, recorrem à informação epigráfica, e à metrológica, que esses materiais evidenciam.

Pelo menos desde 1976 a A. passou a dedicar-se mais intensamente ao estudo de ânforas, e dá-nos, agora, com este livro, um trabalho arqueoló-

gico, quanto a nós, modelar pelo rigor classificativo e pelos relacionamentos regionais que soube estabelecer entre vários centros de produção narbonenses de ânforas vinárias.

A A. diz a respeito dos propósitos desta publicação: “Je n’ai conçu ni un manuel ni un répertoire, mais un outil qui comprend la mise au point de méthodes et de bases de données pour caractériser les productions d’amphores du Haut-Empire et permettre de reconstituer ensuite les circuits commerciaux à travers lesquels les amphores, c’est-à-dire les denrées de Narbonnaise, témoins d’une agriculture orientée vers l’exportation, ont été distribuées”; esta tarefa é o trabalho preliminar necessário ao estudo da comercialização dos produtos agrícolas; conhecer a produção do vasilhame em que eram transportados (e que, para além das escassas referências literárias, constitui a nossa mais abundante documentação), é por enquanto o objectivo primordial.

F. Laubenheimer começa por dar o ponto da situação dos estudos dedicados às ânforas ditas “gaulesas”, a que se segue, no cap. II, uma recolha de referências da Antiguidade a este tipo de vasilhame (certamente introduzido com a ocupação romana, uma vez que, na região, o que estava vulgarizado era o uso do tonel, (este “sans doute d’invention gauloise”, p. 453, na opinião da A., e que fazia inclusivamente parte dos atributos iconográficos de um deus local), e, ainda, o estudo dos lugares de fabrico da região, num total de 33 olarias e fornos, conhecidos quer de antigas publicações, quer de prospecções recentes, com a indicação, através de mapas, da sua implantação regional e das próprias oficinas no terreno “arqueológico” da exploração das argilas; deste catálogo, p. 79 a 209, fez a A. um quadro sinóptico, de que decorre uma série de questões que são, de certo modo, também prévias ao seu estabelecimento, e que passamos a referir: — Que lugares foram escolhidos para a implantação das oficinas de produção de ânforas? — O que é que sabemos da organização destas oficinas? — Quais foram os seus produtos? — Em que época funcionaram? — Qual a posição relativa entre as oficinas da Narbonense e os outros centros de fabrico? Uma resposta parcial a estas questões, recorrendo em grande parte a exemplos de fora da Narbonense, nomeadamente da região de Barcelona, adiantados por R. Pascual-Guasch, é enunciada, p. 209 a 222, numa forma sintética que a limitada informação dada pelo material conhecido, de certo modo, recomenda, senão impõe.

No cap. III, “Forme et technique de fabrication des amphores produites dans les ateliers de Narbonnaise”, situa-se o maior esforço de análise e sistematização deste livro; a escolha dos descritores usados, denuncia a propósito de medir, ao milímetro, tudo o que é mensurável (procurando, assim, determinar, também através de comparações dos valores quantitativos das formas, as séries, e os tipos, característicos de cada produção), mesmo que alguns valores obtidos possam ser dispensáveis para o apuramento tipológico, como a própria A., p. 318, reconhece. Aliás estas preocupações de rigor formalista académico pertencem ao discurso arqueológico vigente, que encontramos invariavelmente patente quer nos grandes tratados temáticos, quer mesmo nas publicações de colecções, ou “novos achados”, que, deste modo, neles se pretendem afiliar. Ao todo, foi possível caracterizar nove

formas de fundo plano e duas de fundo pontiagudo, reconhecer as vantagens, que do ponto de vista prático (maior capacidade, facilidade de transporte) representam as ânforas de fundo plano, separar as formas inspiradas em modelos já conhecidos, das de produção local, e estabelecer dependências formais, nomeadamente em relação à G.4, que para a A. inspirou os oleiros norte-africanos na criação da G.30, e provavelmente também a produção das ânforas portuguesas (p. 321).

Depois de estudar as ânforas, em função da sua forma e da composição química (cap. IV), e a cronologia das diferentes produções (cap. V), recorre, para o estudo dos produtos comercializados, aos vestígios das resinas, e também aos registos pintados nas ânforas (os mais seguros), que classificam os produtos por categorias e mesmo por unidades de produção, o que lhe permite, depois, associar as diferentes qualidades de vinho a determinados centros produtores vinícolas e os centros receptores, de consumo, com os vários tipos de produção anforária.

As três páginas finais de conclusões sintetizam os problemas gerais do tema, não dispensando a leitura atenta de todo o livro, salientam a importância dos estudos taxonómicos e a necessidade programática de uma prospecção arqueológica cada vez mais exaustiva.

Maria Manuela Alves Dias

Anick COUDART; Patrick PION, coords
**Archéologie de la France rurale:
de la Préhistoire aux temps modernes**

Paris, Librairie classique Eugène Belin, 1986, 167 p., il.

Trata-se do catálogo da exposição itinerante "Archéologie" de la France rurale, de la préhistoire aux temps modernes", realizada pelo Centre Coopératif de la Recherche et de Diffusion en Anthropologie (Fondation Maison des Sciences de l'Homme), publicado sob os auspícios do Centre National des Lettres e com um prefácio de Emmanuel Le Roy Ladurie, professor do Collège de France. Além dos coordenadores, Anick Coudart e Patrick Pion, são ainda autores dos textos deste catálogo Alain Schnapp, Jean Desse, Patrice Brun, Christian Goudineau, Alain Ferdière, Robert Fossier, Elizabeth Zadora-Rio, François Sigaut, Corinne Beutler, Anne-Marie Brisebarre, Jean Boissière, Laurence Bérard e Bernadette Lizet — como vemos, a arqueologia pré-histórica, a proto-histórica, a clássica e a medieval dando mãos à história medieval e moderna, à história das técnicas e à antropologia para estruturar, numa exposição de painéis de sequência cronológica, a compreensão da árvore genealógica da actual França rural cujas raízes, mergulhadas no neolítico (sedentarização, domesticação de animais e plantas e a primeira arquitectura estável da sociedade: tribo/família) alimentaram, primeiro, os

ramos poderosos onde floresceram e frutificaram, com o início das comunidades metalúrgicas, as primeiras implantações “urbanas”, mais tarde, respondendo já à “unificação” dum território mais vasto, a concentração urbana de, por exemplo, *Lugdunum*, capital das Três-Gálias, depois, no suporte às “cidades” das catedrais e dos castelos, os casais do povoamento rural da Idade Média, e, finalmente, a estruturação urbana, e viária, que, arrancando da Idade Moderna, crescerá em flecha na Idade Contemporânea, apesar de alguns maus tratos da história político-militar que vai da Vendaia a Hitler, apoiada pela produção rural agro-alimentar, já excedentária, de carne, laticínios, cereais e legumes, dos dias de hoje; traça-se assim o quadro teórico antitético, cidade/campo, reajustado ao nascimento da cidade “no” e, sobretudo, “do” campo, e às dimensões da sua dialéctica de relacionamento mútuo, local, regional, nacional, numa longa duração braudeliana dos comportamentos sociais e da cultura material, rigorosamente avaliado o peso das aquisições do exterior que a França recebeu ao longo da história, desde o Crescente Fértil aos E.U.A., aliás, mais determinantes que as que recebeu do seu império colonial. O papel da produção do conhecimento e da reprodução do conhecimento técnico, da sua aplicabilidade e rentabilidade, passou pendularmente do mundo rural ao urbano e deste àquele: dos celtas aos gaulo-romanos, de 1945 aos nossos dias, em blocos exemplificativos.

Nestes textos, a colaboração pluridisciplinar mostrou ser útil, conveniente e adequada ainda que, naturalmente, os textos referentes às Idades Moderna e Contemporânea sejam, em relação aos anteriores, mais generalizantes — aliás, também a sua documentação de suporte, talvez por uma maior necessidade selectiva, é mais reduzida; contudo nada disto afecta a homogeneidade da realização.

Alain Schnapp, Anick Coudart e Patrick Pion subescrevem um texto-painel sobre a Arqueologia e os seus métodos (p. 20-29) que é o único, entre todos os apresentados, de conteúdo teórico disciplinar e que introduz as modernas técnicas especializadas de datação e microanálise que a Arqueologia dispõe, na série “à la recherche d’un habitat”/“mesurer de temps”/“reconstituer l’environnement”. Aqui, Alain Schnapp traça, numa quase proposta de comportamento programático para a salvaguarda dos bens arqueológicos, um quadro de acção, democraticamente participado, de fácil enunciado; escreve, p. 21: “... la diversité du patrimoine (refere-se ao património arqueológico) ne doit pas cacher sa fragilité. Avec l’ampleur des aménagements collectifs, la puissance des engins de terrassement et de culture, les contraintes du monde moderne sont la cause d’une érosion rapide des archives du sol. La destruction d’une part fondamentale de notre mémoire collective est déjà largement entamée. On ne peut certes tout conserver, ni tout sauver, et chaque intervention sur le terrain est un choix: pourquoi va-t-on fouiller là plutôt qu’ailleurs? Pourquoi va-t-on conserver tel site intégralement, mais se contenter de fouiller tel autre partiellement, et très vite? Pour être efficace, il faut prévoir au mieux les destructions à venir, évaluer l’intérêt de tel ou tel site, afin de programmer les interventions. Il faut disposer de cartes précises, de relevés qui permettent d’intervenir avant les destructions prévisibles. Car

quand les travaux commencent, quand les engins mécaniques labourent le sol ou l'excavent, il est déjà trop tard. La prévention en archéologie est le moyen de la sauvegarde. C'est admettre que les archéologues ne sont rien sans la complicité des citoyens: paysans, ouvriers, ingénieurs, élus locaux sont par nécessité les premiers témoins des destructions. De leur collaboration active, de leurs observations attentives dépend l'intervention des archéologues. Sauver les traces discrètes, fragiles et souvent décisives de notre propre passé, c'est se rappeler que l'histoire est l'affaire de tous".

O elogio da pesquisa arqueológica, como pilar indispensável de qualquer história rural, é-nos dado por E. Le Roy Ladurie nas seguintes palavras, p. 7: "Pour les quatre cinquièmes du temps écoulé, notre devenir paysan depuis l'apparition de l'agriculture est dorénavant jalonnée par des fouilles et des images qui ne doivent rien ou presque rien aux auteurs, aux textes écrits, aux livres, aux archives et aux paperasses".

A excelência da documentação fotográfica e, sobretudo a grande qualidade dos desenhos de Gilles Tosello contribuíram definitivamente para o invulgar nível que esta exposição, de que este catálogo será a expressão bibliográfica mais duradoura, atingiu.

Luís Coelho

Francisco A. Costa MAGRO
Ceitis

Sintra, Instituto de Sintra, 1986, 26 p., il.

O *Arqueólogo Português*, enquanto foi dirigido por J. Leite de Vasconcellos, acolheu nas suas páginas "notáveis estudos relativos à Numismática, à Medalhística e à Tesserologia, da autoria dos mais categorizados mestres nestes sectores da História" como nos recorda Arnaldo Brazão, *Numismólogos contemporâneos e a sua actividade cultural*, Lisboa, 1963, p. 14, que nesta obra consagrou todo o capítulo I a "O *Arqueólogo Português* e a Numismática Nacional"; de facto, ao folhearmos a revista, encontramos com grande frequência estudos e notícias de numismática portuguesa. Com o desenvolvimento de revistas especializadas, perdeu-se, naturalmente, a colaboração dos estudiosos da numismática portuguesa.

Quer na prospecção arqueológica de campo, quer nas escavações de povoados, é vulgar o arqueólogo encontrar moedas portuguesas antigas, sendo os ceitis aquelas que mais frequentemente se acham.

Ora este livro, recentemente publicado, parece-nos que pode obviar a uma classificação rápida e relativamente segura mesmo para exemplares em mau estado de conservação que apresentem visíveis um mínimo de pormenores da cunhagem. O A. apresenta uma vasta tipologia dos diversos elementos que compõem o anverso e reverso dos ceitis. O mérito desta publicação está

precisamente, quanto a nós, no seu valor prático como cábula de classificação de um tipo monetário tão vulgar e de tão largo espectro cronológico, de D. Afonso V a D. Sebastião.

Maria Manuela Alves Dias

José REMESAL RODRIGUEZ

La Annona militaris y la exportación de aceite bético a Germania

Madrid, Universidad Complutense, 1986, 283 p., il.

O A. logo nas “Cuestiones historiográficas y metodológicas”, p. 13, escreve: “Me incluyo entre los que consideran que el método de toda investigación surge *a posteriori*, cuando ya el investigador tiene una visión global, por rudimentaria que esta sea, del objeto de su investigación y de los medios de que dispone”. Assim, principia expondo os problemas específicos que o estudo das marcas de ânforas levantam, e que se ligam quer com os critérios de opção interpretativa estabelecidos pelos diferentes investigadores (critérios que, para mais, quase sempre fizeram escola), quer com as circunstâncias em que se situa a própria investigação arqueológica que vai revelando os vestígios cerâmicos anforários; a este propósito, e com particular acuidade, escreve, p. 24-25: “El que la mayor parte de nuestras fuentes sean arqueológicas obliga, por una parte, a tener siempre presente que éstas tienen un carácter definitorio, pero no excluyente, es decir, la presencia de un determinado sello permite afirmar algo, pero su ausencia no permite negar nada; por otra parte, la abundancia o no de estos materiales arqueológicos depende del estado actual de la investigación sobre el punto estudiado o de la accesibilidad de estos materiales. No se deben comparar nunca, de un modo directo, los materiales de diversos puntos con intenciones estadísticas o cuantitativas. En nuestro caso, por ejemplo, el número de los sellos hallados en Saalburg es similar al de Mainz, porque mientras que en el campamento de Saalburg se realizaron excavaciones sistemáticas en Mainz no. Sin embargo el número de ánforas llegadas a Mainz, capital de la *Germania superior*, sede de dos legions hasta Domiciano, después de una, tuvo que ser muy superior, al llegado al pequeño campamento de Saalburg, sede primero, en época de Domiciano, de um *numerus* y, más tarde, al final del período hadriano, sede de una cohorte, por lo que comparar directamente estas localidades sería científicamente incorrecto. Por otra parte, le volumen de sellos en Dressel, 20 conocidos em Mainz, ou en cualquiera otro de los lugares aquí estudiados, representa menos de 1% del volumen total de ánforas Dressel, 20 llegadas a cada uno de estes puntos (...). En estas condiciones sólo podremos trabajar con estos dados si aceptamos que la documentación recogida es estadísticamente válida debido a su aleatoriedad, y que si de nuevo aparecieran otros cien sellos en cualquiera de los lugares estudiados, proce-

derían, en su inmensa mayoría, de las mismas alfarerías de las que proceden los sellos conocidos hasta ahora en los lugares aquí estudiados”; assumindo a complexidade de um trabalho que, à partida, se encontra tão condicionado pelo próprio desenvolvimento do conhecimento arqueológico, o A. parte para o levantamento dum *corpus* (p. 111 a 205, com os desenhos dos selos a acompanhar a descrição), das marcas das ânforas destinadas ao transporte de azeite para o *limes* germânico, incidindo sobretudo nos achados de Nimega, Colónia, Mainz, Saalburg, Zugmantel e Nida-Heddernheim, todos centros militares.

O desenvolvimento destes centros estava em relação directa com os efectivos militares que neles estacionavam, o que nos permite, porque se conhece a flutuação desses efectivos, entender, em função deles, boa parte das alterações sofridas no fluxo da importação; Colónia, que tem uma forte componente social civil, serve ao A. para estabelecer o contraponto.

Face aos dados fornecidos pelo *corpus*, o A. elabora uma série de quadros: uns, representando a presença, cronologicamente escalonada, dos centros emissores em cada um dos centros receptores; outro, mostrando os totais dos exemplares das marcas de ânforas oleárias nos centros receptores, postos em comparação com os das marcas nos centros emissores estudados (Canama, região de Canama, região de Arva, região de Catria, região de Malpica, região de Delicias); no que diz respeito ao estudo da representação das diferentes marcas dos centros emissores nas zonas de consumo, recorre o A. a uma série de quadros de frequências que, conjugados com os anteriores, o levaram às seguintes conclusões:

1 — Existiu uma vinculação particular entre alguns centros de produção de azeite na Bética e algumas zonas de consumo, bem especificadas, na Germânia;

2 — Cada um dos centros produtores (e exportadores) teve o seu período de preponderância; alguns exportaram intensivamente durante um curto período de tempo, como Malpica; outros durante um largo espaço, como La Catria;

3 — Em cada um destes centros produtores/exportadores béticos, só determinadas famílias, ou indivíduos (marcas), mantiveram constante este tipo de relações com o consumo na *Germania*.

Pode assim concluir-se pela existência de um “comércio dirigido” ou, se não tanto, ao menos, pela “existência de relações preferenciais” entre certos lugares (os centros de produção) da Bética e outros (os centros de consumo) do *limes*, que foram interpretadas por um reduzido número de indivíduos (= marcas).

Estas conclusões suscitaram ao A. uma nova questão: “Por qué estos individuos y no otros?”

Responde, considerando, p. 75: “Pero parece claro, según se deduce del estudio de la organización annonaria romana (...), que ello se debió a la política annonaria del Estado romano, que precisaba asegurar el abastecimiento tanto del ejército como de la ciudad de Roma. Si consideramos que los individuos reflejados en los sellos establecieron relaciones con la *annona* de

un modo privado, hay que pensar que el origen de estas relaciones está en los contactos personales entre los individuos de los sellos y la élite administrativa romana. Pero también puede pensarse que la administración romana se servió de intermediarios, que con su actividad asegurasen para la administración el avituallamiento de Roma y del ejército, en este caso, la intervención estatal romana habría tenido mayor influencia en el desarrollo de las relaciones entre el *limes* y unas zonas u otras de la Bética”.

Sendo assim, o próprio A. questiona-se de novo: “De qué modo repercutió este hecho en la Bética?”

Para o A., a atribuição do direito latino, com os Flávios, aos habitantes da Hispânia foi ainda uma componente da política imperial de defesa do *limes*; isto na medida em que, ao dar-se o direito romano às populações “não-romanas” da Andaluzia, “atraíam-se” para a orgânica da produção agrícola, sobretudo oleícola, populações, e territórios, que, assim, numa situação jurídica inequívoca, podiam participar quer numa produção agrícola mais intensa e extensivamente planeada, na Bética, bem como nas “patrióticas” tarefas de defesa do *limes*; a Andaluzia passava a ser, na retaguarda, um dos principais, e mais activos, apoios logísticos dos exércitos sediados ao longo do *limes*. Esta explicação parece-nos inteligente e mesmo sedutora, contudo as razões, quer as políticas quer as estratégicas, parecem-nos deveras insuficientes. No entanto, a ter sido assim, o desenvolvimento dos centros de produção de azeite da Bética, que efectivamente se expandiram deveram isso, portanto, à condução da política geral do Império; não se tratou pois, numa província há muito pacificada, dum natural desenvolvimento, local ou regional, de características endógenas, mas duma situação de oportunidade (de produção e comércio), artificialmente criada, que, quanto a nós, viria a arrastar, mais cedo ou mais tarde, situações novas de desestruturação social, para as quais só poderia haver respostas, eficazmente decisivas, novamente a nível do poder imperial.

Neste trabalho o A. procurou calcular os quantitativos de azeite necessários para cada legião/ano (= 1370 ânforas/ano), assim como a quantidade de terreno, em sistema de monocultura, de que a produção necessitava para atender a esses quantitativos (112,50 ha); é curioso que as 1370 ânforas, para o abastecimento por ano de uma legião, correspondem ao valor mínimo da produção de um forno de ânforas tipo Dressel, 20, tal como o próprio J. Remesal tinha apurado em 1982, p. 76-77.

Quanto às rotas comerciais que as ânforas com azeite bético percorreram até aos centros consumidores do *limes*, o A., contra a opinião da maioria dos autores que, há muito, encontram no Ródano a via principal e única de transporte do azeite bético, propõe uma rota atlântica, com entrada pela foz do Reno; esta interessante hipótese de J. Remesal porá, quanto a nós, decerto, muitas perguntas na boca dos seus leitores.

A organização dos serviços da *annona*, a centralização administrativa dos Severos e o papel que teriam tido as confiscações feitas aos partidários de Clódio Albino nas zonas produtoras, bem como algumas considerações

sobre as carreiras dos funcionários da *annona* mais directamente ligados com este processo ocupam o autor ao longo de 28 páginas (p. 81-108).

Nas conclusões o autor reafirma a importância da presença, no *limes*, do azeite bético face à irrelevância da presença aí do azeite de origem africana, o que, em termos de valoração económica e política, punha em evidência, para Roma, a importância estratégica deste produto, e da província que o produzia; diz o A., p. 109: "La constatación de esta interdependencia dirigida desde la administración romana plantea una gran diversidad de problemas a la investigación histórica, tanto a niveles sociales (la concesión del *ius Latii* a los hispanos sería en mi opinión, una de ellos), políticos (la influencia política de quienes controlan estas interdependencias, así adquiriría mayor significación el poder del llamado clan español), como administrativos (la organización y el control de esta interdependencia)"; e na p. 111: "Desde el punto de vista económico y financiero se ha puesto de manifiesto la relevancia de lo que hoy llamaríamos una "política de mercado dirigido" durante el Alto Imperio, sistema que el mismo Estado destruyó en el momento en el que controló, por sí mismo, gran parte de los medios de producción, haciendo necesarias las soluciones aportadas por Diocleciano. Por ello, al tiempo que se señala la importancia y el volumen de lo transportado, se reduce la importancia de un comercio libre y se habla más de un trasiego de mercancías en relación con la *annona* que de un comercio tal como hoy entendemos este término". Deste processo, são testemunho as marcas nas ânforas Dressel 20 tanto as do *limes* como os *tituli picti* do Testácio.

Podemos não estar de acordo, aqui e ali, com alguma argumentação do A., mas é indiscutível que este livro demonstra a consistência do pensamento histórico dum autor que, conscientemente, ousou correr os riscos de, por si, autonomamente, escrever História.

Maria Manuela Alves Dias

Jacques THIRIOT

Les ateliers médiévaux de poterie grise en Uzège et dans le Bas-Rhône: Premières recherches de terrain

Paris, Maison des Sciences de l'Homme, 1986, 147 p., il.,
1 microficha, 30 cm. (Documents d'Archéologie Française, 7). F 165

Um vasto conjunto de fornos de loiça cinzenta referentes ao período medieval, foram identificados em Uzège e na região do Baixo Ródano, a poucos quilómetros da cidade de Avinhão. Os resultados obtidos bem como as técnicas de prospecção e de datação utilizadas, vêm à estampa com o trabalho agora em apreciação.

Os trabalhos empreendidos decorreram de 1972 a 1982 e, no presente estudo, as descobertas sujeitas a uma análise mais detalhada respeitam exclusivamente a dois sítios: Bollène (Vaucluse) e Saint-Victor-des-Oules (Gard), ambos localizados em dois afluentes do rio Ródano.

Na introdução, Jacques Thiriot chama a atenção para a falta de estudos sistemáticos, bem como duma prospecção contínua na região que agora é palco deste estudo.

Os dois sítios possuem jazigos de argila de excepcional riqueza, tendo proporcionado a confecção de utensílios refractários. O sítio de Bollène tem a sua actividade centrada no século XIII, enquanto Saint-Victor-des-Oules tem a sua actividade reconhecida por volta dos séculos XII e XIII.

Estes Ateliers cerâmicos foram importantes não só a nível regional mas estenderam a sua acção a zonas mais afastadas (no Languedoc e Provença Ocidental) graças a uma boa organização comercial, cujo conhecimento o autor começa a entrever nos textos contemporâneos, investigação esta que se encontra em curso.

Deu-se um importante desenvolvimento urbano no século XIII que, inevitavelmente, teve reflexos sobre a produção, aumentando a corrente comercial de loiças, nomeadamente a partir dos grandes centros produtores situados sobre os melhores jazigos. É o caso dos dois sítios aqui estudados. A sua situação privilegiada na região de Avinhão, fornecida pela excelente via fluvial que é o Ródano, vem confirmar a importância do presente estudo.

Jacques Thiriot destaca, em seguida, que a presente investigação sobre os ateliers, permitiu a adopção de uma metodologia própria e um conhecimento excepcional das estruturas de produção das oficinas medievais, desde a extracção das argilas até à sua cozedura, das técnicas e organização do trabalho até à comercialização das loiças. Esta tarefa exigiu o emprego de prospecções geofísicas, optando-se por um método de escavação adaptada às estruturas em presença, após interpretação das cartas magnéticas. Pretendeu-se, assim, obter, *a priori*, um máximo de informações quanto à concepção e construção das estruturas e dos fornos e utilização e reparação dos mesmos.

A falta de estudos sistemáticos anteriores, obrigou a um registo total e sistemático dos dados o que não diminuiu a grande dificuldade de interpretação das estruturas e dos fornos e, sobretudo, das estratigrafias. Para atenuar as dificuldades sentidas, o autor procurou paralelos nos fornos já identificados na região, bem como recorreu a uma abordagem etno-arqueológica aplicada ao Próximo Oriente sobre os ateliers tradicionais do Cairo e ainda aos recentes conhecimentos de loiça negra no Norte de Espanha.

Este estudo vem igualmente complementar o conhecimento das loiças medievais, agora visto pelo lado da sua fabricação, o que poderá trazer novos elementos para uma tipologia mais localizada no tempo e diversificada.

No tocante à massa de "cacos" recolhidos (superior a dez toneladas), não foi aplicado o tratamento clássico, mas o espólio foi, sim, sujeito a uma selecção que representasse os aspectos essenciais das produções. O estudo da

produção dos dois fornos permitiu vislumbrar uma certa evolução nas produções locais.

Esta investigação foi, em grande parte, monopolizada pelas opções técnicas e tecnológicas empregues na investigação, para permitir a obtenção de resultados preciosos. A confirmá-lo está a longa lista de referência aos laboratórios, investigadores e organismos que participaram, com Jacques Thiriot, neste projecto de investigação.

No capítulo 1 (Prospecção: técnicas utilizadas e resultados), é feita uma sumária descrição das técnicas de prospecção empregues em jazidas já conhecidas ou recentemente descobertas, com destaque da prospecção magnética; preparação do terreno, dificuldades, modo operativo e interpretação de cartas. Algumas destas cartas de prospecção magnética são publicadas em anexo e sumariamente descritas.

O capítulo 2 diz directamente respeito às escavações e resultados obtidos. As sondagens arqueológicas foram implantadas tendo por base os índices de prospecção magnética. Jacques Thiriot descreve a técnica de escavação estratigráfica utilizada tanto nos fornos, como nos silos, fossas e estruturas anexas e ainda o registo de dados aplicado.

O autor apresenta sob a forma monográfica a descrição da escavação nos sítios de Bollène e de Saint-Victor-des-Oules devidamente apoiado por material gráfico, em anexo.

No capítulo 3 (Estudo do material cerâmico) o autor destaca a tecnologia utilizada na loiça cinzenta medieval e a tipologia das formas (formas abertas, fechadas, carenadas, variedade das asas, lábios, fundos, decorações, etc.), acompanhado de tábuas estatísticas.

No capítulo 4 são descritos os dois diferentes métodos de datação: datações arqueológicas e os métodos físicos de datação.

No último capítulo o autor ensaia uma síntese referente ao estudo dos ateliers e dos fornos. Destaque para a análise dos fins e procedimentos de cozedura, técnicas de construção e de reparação e características dos dois tipos de fornos em presença. Aqui J. Thiriot recorre à comparação com outras estruturas similares e mesmo com estruturas tradicionais ainda em uso no Médio Oriente. Analisa, por último, os ateliers cerâmicos no tocante à sua organização espacial, relações económicas estabelecidas e sua comparação com ateliers representativos de outros períodos históricos.

A uma vasta bibliografia referida acrescentou-se a comunicação apresentada por Cláudio Torres ao Encontro de História Medieval, realizado na Faculdade de Letras de Lisboa, comunicação que divulgou as escavações realizadas num dos fornos medievais (produção dos séculos XV e XVI), localizados na Mata da Machada, Barreiro, em pleno estuário do rio Tejo¹.

Jacques Thiriot chama a atenção, em dado momento, para a descrição das escavações efectuadas, que não tem por objectivo a elaboração de um

¹ A comunicação foi publicada na Revista "História e Crítica", número especial, 1985, Faculdade de Letras de Lisboa, contendo as actas do Encontro de História Medieval, cujo tema foi "A Revolução de 1383/85".

"Manual do perfeito escavador de fornos de loiça". Apesar deste alerta pensamos tratar-se de uma reflexão e de uma apresentação de dados obtidos, fundamentais para quem trabalha em escavações de fornos, independentemente do período histórico em que se integram.

Cientificamente bem fundamentada e esclarecedora do trabalho desenvolvido nos fornos, falta nesta publicação, quanto a nós, um capítulo que, de forma explícita, apresente as medidas tomadas (ou a tomar), quanto à conservação e restauro das estruturas (destacando as técnicas utilizadas e produtos aplicados), e sua eventual integração em percursos de visita e no meio ambiente envolvente. A urgência de actuação, custos, e a necessária apresentação criteriosa ao cidadão comum destas estruturas construídas a partir do barro, são aspectos por nós vividos desde 1985, altura em que iniciámos escavações em fornos do período romano, no estuário do rio Tejo.

A obra é de fácil manuseamento, tem os temas e subtemas bem destacados e o material gráfico anexo complementa correctamente o texto, sendo acompanhado de uma bolsa contendo uma microficha que inclui duas cartas de prospecção magnética de Saint-Victor-des-Oules.

Clementino Amaro